

Orações subordinadas adjetivas: fim de traumas

Marcela Moura *

Resumo:

Este trabalho trata das orações subordinadas adjetivas na perspectiva de gramáticos normativos -como Bechara (1977), Melo (1968) e Rocha Lima (1992)- e na visão da gramática descritiva de Perini (1996). A partir da análise de um texto jornalístico, constata a divergência entre os pontos de vista da gramática normativa e da descritiva. Um dos objetivos deste trabalho visa abstrair a idéia de aprendizagem dessas orações por meio apenas da ausência ou presença de vírgulas.

Com o objetivo de abordar as orações subordinadas adjetivas sob diferentes perspectivas, foram utilizadas obras dos seguintes autores: Melo (1968), Mattoso Câmara Jr. (1970), Bechara (1977), Carone (1988), Rocha Lima (1992) e Perini (1996); (de agora em diante sem referência de data, pois estarão sendo mencionadas as mesmas obras desses gramáticos).

Perini contempla na análise sintática, que realiza, a aplicação do Princípio da Integração, que postula a importância da análise global e possui como características: a superação da dicotomia de sintaxe e semântica separadas; a visão de que a palavra isoladamente quase nada significa (seu significado depende do contexto) e a perspectiva de que se deve buscar, em textos, as relações/valores que o compõem.

Conforme pode ser observado no exemplo "Ela disse que o professor avisou que não haveria prova", nota-se que a realização de uma análise fragmentada implicaria na existência de três orações sem preocupação com o sentido total das três. Em uma análise que respeite o Princípio da Integração, compreende-se que não é apenas *o professor avisou* que é objeto direto do verbo dizer, e sim, *o professor avisou que não haveria prova*. Constata-se, pois, que em uma análise integral resgata-se o sentido total da construção sintática. A técnica da análise global é bastante eficiente no trato com orações adjetivas porque é, reconhecendo-as na totalidade do período, que se pode estabelecer as diferenças semânticas entre uma restrição e uma explicação.

Todo o material selecionado para este estudo teve o intuito de eliminar a hipótese muito difundida em cursinhos pré-vestibulares de que os alunos não devem se preocupar com essas orações, porque elas são "facílimas" e existem até "bizus" para sua classificação:

Bizu 1. > não isolada por vírgulas > restritivas.

Bizu 2. > isolada por vírgulas > explicativa.

Outro objetivo deste trabalho foi o de comprovar a necessidade do estudo dessas orações em uma perspectiva sintático-semântica.

*Trabalho realizado na disciplina Língua Portuguesa V, sob a orientação da Prof^a. Rosely M. S. Lacerda.

Por que estudar as Orações Subordinadas Adjetivas?

As orações subordinadas adjetivas podem ser usadas como instrumentos de precisão ou de ênfase. As orações subordinadas adjetivas restritivas permitem a quem redige um grau de precisão elevado na definição de conceitos: por meio delas, podem-se eliminar ambigüidades e indeterminações de nomes e pronomes. Já as orações subordinadas adjetivas explicativas desempenham uma função ligada principalmente à ênfase que se quer dar a determinados dados ou conceitos. Quando usadas apropriadamente, essas orações permitem a quem escreve conferir destaque à determinada informação relevante para a argumentação desenvolvida. Quando usadas inapropriadamente, costumam indicar falta de conhecimento mais apurado da língua por parte de quem escreve.

1. Orações Subordinadas Adjetivas: Gramática Normativa x Gramática Descritiva

Ao pesquisar sistematicamente as gramáticas normativas de Bechara, Melo e Rocha Lima foi constatado que estes autores concordam quanto à concepção das orações adjetivas que valem por adjetivos, funcionam como adjunto adnominal e, na trama do período, subordinam-se a qualquer termo da oração anterior cujo núcleo seja substantivo, ou equivalente de substantivo.

Bechara e Rocha Lima defendem que o emprego de orações adjetivas permite a junção de características mais complexas -para as quais, muitas vezes, não existem na língua adjetivos léxicos- ao substantivo e afirmam que as orações adjetivas conectivas (como nomeia Bechara) ou desenvolvidas (como coloca Rocha Lima) iniciam-se por pronome relativo *que*, além de marcar a subordinação, exerce uma função sintática da oração a que pertence.

Estes dois gramáticos apresentam a tipologia das orações adjetivas como compreendida em: restritivas e explicativas. A primeira tem por ofício delimitar ou definir mais claramente o antecedente, com o qual forma um todo significativo; em razão disso, não pode ser suprimida, sob pena de a oração principal ficar prejudicada em sua compreensão. A segunda encerra uma simples explicação ou pormenor do antecedente, uma informação adicional de um ser que se acha suficientemente definido, podendo ser omitida sem prejuízo.

Bechara retrata a possibilidade de a oração adjetiva assumir, além do sentido qualificativo, os de relação de fim, condição, causa, conseqüência, concessão ou de oposição. Tanto ele como Rocha Lima constatam a ocorrência de oração adjetiva justaposta (quando não há referência a antecedente algum). O autor Rocha Lima é o único, dos gramáticos normativos selecionados para esta pesquisa, que coloca a possibilidade de as orações adjetivas converterem-se em reduzidas de particípio presente, de particípio passado, de gerúndio (em um caso particular) e de infinitivo.

Melo, ao classificar as orações adjetivas como restritivas, quando exprimem qualidade accidental do substantivo, e explicativas, quando exprimem qualidade essencial, opõe-se à visão de Bechara que coloca esta definição de "qualidade accidental e essencial" como inválida por não constituir verdade inteira aplicar às orações adjetivas

restritivas e explicativas as antigas definições do adjetivo restritivo e explicativo porque esta distinção não se apresenta válida para todas as construções encontradas.

Para inserir uma outra visão sobre as orações subordinadas adjetivas, foi escolhida a *Gramática Descritiva do Português* (Perini: 1996). Perini nomeia de *construção relativa* o que os tradicionais designam “oração adjetiva” e apresenta os traços que são suficientemente específicos para tornar fácil a identificação desta construção:

- Presença de um relativo (que, o qual, quem, onde, cujo), precedido às vezes de uma preposição;
- Presença de uma estrutura oracional aparentemente incompleta, logo após o relativo;
- Articulação de um elemento nominal: parte de um SN + relativo + estrutura oracional mencionada, formando uma seqüência que é um SN; o elemento nominal inicial nem sempre estará presente.

Ainda distinguindo-se da abordagem tradicional, Perini classifica as relativas em: apositiva e não-positiva (explicativa e restritiva, respectivamente, segundo a gramática normativa) e apresenta as diferenças entre elas:

- só as apositivas se separam por vírgula do resto da frase;
- só as apositivas podem ocorrer com o relativo *o qual* sem preposição;
- só as apositivas admitem as construções múltiplas, resultantes da movimentação de um SN que contém relativo modificador para o início da oração;
- finalmente, *que* só ocorre com antecedente, em construções apositivas ou não, podendo se apresentar acompanhado de preposição.

Como pode ser observado através deste estudo comparativo de gramáticas sobre orações subordinadas adjetivas, existem nítidas diferenças, a respeito do mesmo assunto, desde as distintas nomenclaturas até as análises realizadas pelas gramáticas -que serão detalhadamente retratadas na análise sintática do texto selecionado para este fim.

Com relação aos pronomes relativos, defino-os utilizando a conceituação de Mattoso Câmara que afirma que o pronome relativo é uma conjunção subordinativa de tipo especial, que, além de operar a inserção de uma oração em outra, faz algo de que a conjunção não é capaz: representa, anaforicamente, a palavra com que a oração se relaciona. O relativo poderia até denominar-se *conjunção pronominal* ou *pronome conjuncional*.

O pronome relativo impõe a sua oração um comportamento de adjetivo, desse modo é que se formam as orações adjetivas, e tem a propriedade de *transferir* à condição de termo a oração com que se articula.

Os pronomes relativos são: *onde, quando e como* (advérbios relativos, na denominação de Mattoso Câmara); *que, qual, quem, cujo e quanto*; podem exercer as funções sintáticas de sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, agente da passiva e adjunto adverbial.

Apresentarei a seguir um fragmento da música *Giz* (Russo: 1979) como apoio para uma análise de pronomes relativos.

Desenho toda a calçada acaba o giz,
 Tem tijolo de construção eu rabisco
 O sol *que* (1) a chuva acabou quero que saibas que
 Me lembro que até que pudesse me ver.

És parte ainda do *que* (2) me faz forte
 E, p'ra ser honesto, só um pouquinho
 Infeliz.

- (1) O pronome *que* exerce a função de objeto direto na oração a que pertence (refere o sol 1 A chuva acabou o sol) e introduz uma oração subordinada adjetiva restritiva, pois o eu poético rabisca um sol específico, um sol que a chuva acabou.
- (2) O pronome relativo desempenha a função de sujeito (refere o = (aquilo)/ *Aquilo* me faz forte) e também introduz uma oração subordinada adjetiva restritiva pois o eu poético diz que sua amada não é uma parte de algo qualquer, mas sim a parte daquilo que o faz forte.

2. Aplicação prática

O texto abaixo foi selecionado para a análise das orações subordinadas adjetivas nas perspectivas da gramática normativa e da descritiva.

O barroco em ruínas

Maltratadas pelas chuvas e pelo governo, as cidades históricas mineiras caem aos pedaços.

As cidades históricas de Minas Gerais, *que possuem o maior e mais valioso acervo da arte barroca brasileira* (3.1), estão caindo aos pedaços. Ouro Preto e Mariana, *que, juntas, compõem a Roma do barroco mineiro* (3.2), são as mais afetadas -padecem o efeito das chuvas *que, há quarenta dias, castigam o Estado* (4.1). Das treze igrejas de Ouro Preto, cidade *que é considerada pela UNESCO "Patrimônio Cultural da Humanidade"* (4.2) desde 1981, oito têm graves problemas de infiltrações e goteiras, quatro estão interditadas e nenhuma se encontra integralmente recuperada. O balanço em Mariana é igualmente desolador. A cidade tem cinco de suas oito igrejas seriamente danificadas. Altares roídos por cupins, infiltrações *que estragam as obras de arte contidas em seu interior* (4.3) -entre elas, peças formidáveis de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, ou de Manuel da Costa Athayde, o maior pintor do barroco brasileiro -já são comuns no interior das igrejas de Minas Gerais. Do lado de fora, o panorama também não é nada agradável: deslizamentos ameaçam algumas igrejas até de desabamento.

(Pimenta: 1992)

De acordo com a gramática normativa, as orações destacadas do texto *O barroco*

em ruínas, de códigos (3.1), (3.2), (4.1), (4.2) e (4.3) são orações subordinadas adjetivas desenvolvidas ou conectivas porque se iniciam por pronome relativo *que*, além de marcar a subordinação, exerce uma função sintática da oração a que pertence.

As orações de código (3.1) e (3.2) são classificadas como subordinadas adjetivas explicativas porque encerram uma simples explicação do antecedente, uma informação adicional que pode ser omitida sem prejuízo.

Como pode ser observado no texto, as orações (3.1) e (3.2) são explicativas:

(3.1) "*que possuem o maior e mais valioso acervo da arte barroca brasileira*" -é oferecida uma informação adicional sobre as cidades históricas de Minas Gerais que possuem todas esse acervo; não é feita uma restrição ao sentido do antecedente;

(3.2) "*que, juntas, compõem a Roma do barroco mineiro*" -aqui também ocorre uma informação adicional ao antecedente *Ouro Preto e Mariana* e não é feita nenhuma restrição ao sentido das duas cidades.

A função sintática dos pronomes relativos das duas orações de código (3.1) e (3.2) é a de sujeito. Estas orações são intercaladas por vírgulas, pois estas marcam a ênfase na explicação.

As orações de código (4.1), (4.2) e (4.3) são subordinadas adjetivas restritivas porque delimitam mais claramente o antecedente, não podendo ser suprimidas sob a pena de a oração principal ficar prejudicada em sua compreensão. As orações (4.1), (4.2) e (4.3) são indispensáveis ao sentido da frase e limitam a significação de seus antecedentes.

(4.1) "*que castigam o Estado*" -a oração adjetiva restringe o sentido de *chuvas*, pois não refere quaisquer chuvas, mas apenas aquelas que castigam o Estado;

(4.2) "*que é considerada pela UNESCO Património Cultural da Humanidade*" -a oração adjetiva aqui também limita o sentido do antecedente; não refere qualquer cidade e sim aquela que é Património Cultural da Humanidade;

(4.3) "*que estragam as obras de arte contidas em seu interior*" -aqui também há uma restrição de sentido do antecedente; não são referidas todas as infiltrações, só aquelas que estragam as obras de arte da igreja.

A função sintática dos pronomes relativos destas orações é a de sujeito.

De acordo com a Gramática Descritiva do Português, de Perini, todas as orações em itálico no texto são denominadas construções relativas. As orações de código (3.1) e (3.2) são as apositivas que se constituem de:

- a) presença do relativo *que*;
- b) presença da estrutura oracional (ex: *possuem o maior e mais valioso acervo da arte barroca brasileira*);

- c) presença da seqüência que é formada de elemento nominal + que + estrutura oracional (ex.: *As cidades históricas de Minas Gerais que possuem o maior e mais valioso acervo da arte barroca brasileira*);
- d) toda esta seqüência, referida no item c, é o SN sujeito com que concorda o verbo seguinte, no caso deste exemplo, *estão*.

O esquema a seguir, procura esclarecer o que foi mencionado acima:

Elemento nominal + que + estrutura oracional > SN sujeito do verbo seguinte

As cidades históricas de Minas Gerais + que + possuem o maior e mais valioso acervo da arte barroca brasileira + (estão caindo...)

As orações de código (4.1), (4.2) e (4.3) são as não-apositivas:

- a) presença do relativo *que*;
- b) presença da seqüência que vem logo após o relativo (ex.: *castigam o Estado*);
- c) presença da seqüência que é formada de elemento nominal + que + estrutura oracional

Seqüência formada de elemento nominal + que + estrutura oracional
Chuvvas + que + castigam o Estado

Conclusão

Em vista do exposto neste trabalho, conclui-se que a gramática descritiva possui uma abordagem mais clara e objetiva sobre o assunto orações subordinadas adjetivas por contemplar o Princípio da Integração, dando relevância a uma análise global e não fragmentada. Para o fato lingüístico aqui apresentado, esse tipo de análise foi essencial, tendo em vista que, só observando o enunciado por inteiro, foi possível estabelecer as diferenças e semelhanças entre orações apositivas e não-apositivas.

A abordagem da gramática descritiva diferencia-se da normativa ao apresentar uma nomenclatura: *construção relativa*, aquela que constitui uma oração, é sempre uma subordinada introduzida por pronome relativo; e uma tipologia: *apositiva e não-apositiva*.

A análise de Perini oferece maior rigor em suas conclusões, tendo em vista que ao considerar a estrutura da adjetiva incorporada no período em sua globalidade, permite não uma análise fragmentada e sim uma análise integrada.

Enfim, pode-se concluir que o método de abordagem da gramática descritiva é mais condizente com a realidade sintática, sendo, portanto, o mais adequado para a explanação das orações subordinadas adjetivas, além de exigir uma reflexão sobre o sentido do texto e não ser apenas mais um "bizu".

Referências Bibliográficas

- BECHARA, Evanildo (1977). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- CARONE, Flávia Barros (1988). *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo, Ática.
- MELO, Gladstone Chaves (1968). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- PERINI, Mário A. (1996). *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Ática.
- PIMENTA, Ângela. Barroco em ruínas. *Veja*. São Paulo, v. 16, M. 1, pp. 72-73, 19 fev. 1992.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da (1992). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- RUSSO, Renato. In: Muito-LP Philips. nº 6437.382-1979 Lado 2,3ª faixa.